

AMOR VIOLENTO: UMA ANÁLISE DO CONTO “GESSO”, DE JARID ARRAES

Gisele Troian Guerra

Universidade de Caxias do Sul

gtguerra@ucs.br

Cristina Löff Knapp

Universidade de Caxias do Sul

clknapp@ucs.br

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a narrativa “Gesso”, da autora Jarid Arraes, que faz parte da coletânea de contos *Redemoinho em dia quente* (2019) sob o viés da crítica feminista. Nossa intenção é trazer à tona os escritos de autoria negra contemporânea, assim como discutir a construção da personagem principal, Doralice, e a violência sofrida pela mulher submissa ao sujeito masculino agressor. Nossa pesquisa é de caráter bibliográfico ancorada nos estudos de gênero, para discutir como a violência contra o sujeito feminino faz parte da sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Violência; Mulher; Crítica feminista; Jarid Arraes.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Gisele Troian Guerra

É graduanda em Letras - Português pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq no Grupo de Pesquisa “Literatura e Gênero” (UCS), o qual estuda o Projeto de Pesquisa “A representação do medo na escrita de autoria feminina”. Também participa como voluntária no Grupo de Pesquisa “Literatura e Identidade na América Latina”, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).



lattes.cnpq.br/3944400116536862



orcid.org/0000-0002-4366-0143

Cristina Löff Knapp

Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras-Mestrado de Letras e Cultura e na Graduação em Letras-Português na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Líder do grupo de pesquisa Literatura e gênero na Universidade de Caxias do Sul (UCS); Membro do GT A Mulher na Literatura da Anpoll, Pesquisadora CNPQ e Pesquisador Gaúcho FAPERGS. Membro do Grupo de Pesquisa “Literatura e Identidade na América Latina”, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).



lattes.cnpq.br/6722400168399454



orcid.org/0000-0002-1593-8734

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

AMOR VIOLENTO: UMA ANÁLISE DO CONTO “GESSO”, DE JARID ARRAES

Gisele Troian Guerra

Universidade de Caxias do Sul

gtguerra@ucs.br

Cristina Löff Knapp

Universidade de Caxias do Sul

clknapp@ucs.br

Considerações iniciais

“Acho que foi a Santa que cochichou no meu ouvido, mas ali eu só pensei que ia morrer. Se eu saísse daquela sala, ele ia me arrastar pelo braço ou pelos cabelos. Quando me jogasse dentro da casa, não ia quebrar uma cadeira, nem a porta do banheiro, nem os copos que eu comprei semana passada. Ia quebrar minha cara.” (JARID ARRAES, 2019, p. 91)

A sociedade patriarcal prioriza um estereótipo de mulher: submissa e obediente ao homem, com um casamento perfeito e uma existência de servidão. Todavia, a conquista do direito à educação para as mulheres fez nascer a consciência da submissão e a possibilidade de reivindicar seus direitos. Dessa forma, as mulheres passaram a não aceitar mais um ambiente de humilhações e de submissão. O advento do movimento feminista trouxe às mulheres a possibilidade de uma luta organizada pelos seus direitos.

No entanto, hoje ainda muitas sofrem com uma vida de humilhação, com restrições e expostas à violência doméstica. Mesmo com a vigência da lei Maria da Penha, várias mulheres são mortas em nosso país por um companheiro que não admite o fim de um relacionamento. Em consequência, os números de feminicídios aumentam a cada ano no Brasil, principalmente quando a mídia veicula que o país “registrou 722 feminicídios entre janeiro e junho de 2023, 2,6% a mais do que os crimes de mesma natureza contabilizados no primeiro semestre de 2022” (CARTACAPITAL, 2023). Nesse contexto, uma forma de denunciar esse tipo de violência é por meio da literatura contemporânea, a qual busca, na triste realidade que afeta o sujeito feminino, a matéria prima de suas obras. Isso é o que se observa no conto “Gesso”, da autora Jarid Arraes, objeto de estudo do artigo.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

A narrativa traz a personagem Doralice que se envolve em um namoro violento, no qual todas as pessoas ao seu redor presenciam a violência, no entanto, são coniventes com a situação. A poetisa e cordelista Jarid Arraes, autora do conto, nasceu no estado do Ceará, mais especificamente na cidade de Juazeiro do Norte, em 1991, onde morou até o ano de 2014. Depois disso, mudou-se para São Paulo. É filha e neta de cordelistas e xilogravadores. O início de sua produção literária deu-se aos vinte anos nos blogs “Blogueiras feministas” e “Blogueiras negras”. No ano de 2013 passou a colaborar na revista Fórum, publicação *on-line*, na qual foi responsável pelo blog “Questão de gênero” até o ano de 2016. Vale ressaltar que a poetisa fundou o coletivo FEMICA (Feministas do Cariri). Na cidade em que escolheu para viver, São Paulo, participa do coletivo feminista Casa Lua.

A primeira obra da autora, lançada no ano de 2015, e intitulada *As lendas de Dandara*, com uma publicação independente, logo se esgotou e teve uma segunda edição em 2017 e no ano seguinte foi traduzida para o francês. A peculiaridade da escrita de Arraes consiste em trazer à tona as pautas do feminismo negro para as poesias de cordel e para os seus outros escritos, como a obra *Redemoinho em dia quente* (2019).

O livro reúne trinta contos que tematizam desde os dramas individuais e coletivos do sujeito feminino até questões sociais mais complexas que atingem a nossa sociedade, como a violência contra a mulher. A obra é dividida em duas partes. A primeira, intitulada “Sala das candeias”, tem 18 contos. Já a segunda, com o título “Espada no coração”, possui 12 contos. A narrativa “Gesso” faz parte da segunda parte.

Assim, o presente artigo tem como objetivo a investigação crítica do conto “Gesso”, de Jarid Arraes, utilizando uma pesquisa de cunho bibliográfico ancorada nos estudos de gênero. A metodologia combina a revisão bibliográfica e a análise literária. O referencial teórico será composto pelos seguintes autores: Bauman (2008) e Delumeau (1989) sobre o medo e, para balizar os estudos sobre gênero, será abordado bell hooks (2019a, 2019b), Heleieth Saffioti (1999), Joan Scott (1989) e Judith Butler (2017).

A naturalização da opressão e violência contra à mulher

Antes de iniciar a discussão sobre a violência contra a mulher, é relevante retomar as considerações de Scott (2019), que entende o conceito de gênero em oposição ao determinismo biológico, atribuindo-lhe um caráter social e imbricado com as relações de poder. Relações essas que envolvem o binarismo homem/mulher, delegando ao homem a superioridade e à mulher a submissão. De certa forma, a sociedade reproduz essa relação de poder, inferiorizando o sujeito feminino. Ribeiro (2019) salienta que essas relações de poder

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

também servem para “legitimar violências invisibilizadas por quem detém o poder” (RIBEIRO, 2019, p. 23).

Já Butler (2017) questiona a universalização do termo “mulher” e salienta a impossibilidade de distanciar o gênero das relações políticas e culturais. Portanto, para a autora, gênero está ligado com as relações de poder na sociedade e a forma como essa mesma sociedade considera o ser mulher. Para Butler:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente constituídas (BUTLER, 2017, p. 21).

Butler, de certa forma, desaprova a premissa da identidade de gênero, visto que, é preciso questionar o ser mulher, o sujeito feminino. E, esse sujeito feminino só pode ser pensado em meio à sociedade na qual está inserido, assim como com as ideologias que fazem parte de um ciclo social. Além disso, a autora assinala que gênero “é uma forma de poder social que produz o campo inteligível dos sujeitos e um dispositivo pelo qual o binarismo de gênero é instituído” (BUTLER, 2022, p. 87).

Naturalmente, o ser humano é movido por princípios que são construídos convencionalmente, a partir do que se acredita ser considerado “certo” ou “errado” na sociedade. É por isso que, desde cedo, ele é ensinado sobre o conceito de “superioridade”, o qual determina a obediência a um grupo de pessoas em relação a outros, por exemplo, o filho deve obedecer aos pais, o empregado deve atender às demandas do patrão ou, infelizmente, a mulher deve apresentar um comportamento submisso ao homem, que é o chefe da casa. Dessa maneira, “aprendemos a ser homens e mulheres e a aceitar como ‘naturais’ as relações de poder entre os sexos” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 55), visto que o caminho para se desvincular disso é dificilmente aceito pela maioria.

Nesse contexto, é quase inevitável que o homem exerça um comportamento agressivo em relação à sua companheira, afinal instâncias como a família, a escola, a Igreja e os meios de comunicação naturalizaram a ideologia da “hierarquização entre o masculino - ‘superior’ - e o feminino - ‘inferior’” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 63). Consequentemente, isso contribuiu para que as mulheres – desde o século XIX até a contemporaneidade – lutassem para conquistar o direito ao estudo, ao trabalho, à participação na política e, principalmente, à violência contra à mulher. Desse modo, entre as razões que motivaram a luta pelo fim das

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

agressões de gênero, é possível citar a normalização da ação, o medo que a vítima tem de denunciar o agressor e a falta de representatividade dentro do movimento feminista, a qual será abordada em seguida.

Esse último fator, em especial, é motivado por um impasse dentro da luta contra a opressão e a violência masculina. Assim, historicamente o movimento feminista foi liderado por mulheres brancas e burguesas que, inseridas na sociedade capitalista do século XIX, possuíam como principal objetivo “alcançar a igualdade relativamente aos homens da sua classe” (HOOKS, 2019b, p. 15), logo, nada era abordado em relação às ideias ligadas a uma verdadeira superação dos problemas, isto é, que visasse “erradicar a ideologia de domínio que se difunde na cultura ocidental” (HOOKS, 2019b, p. 20). Com isso, é incerto informar até que ponto ocorreu, efetivamente, uma luta pelos direitos das mulheres, afinal só as que estavam inseridas dentro das classes média e alta da sociedade tinham voz.

Com isso, grupos de mulheres que pertenciam à minoria, isto é, não eram sustentadas pelos maridos, não tinham acesso à educação ou não eram brancas, conseqüentemente não participavam do movimento feminista construído pelas feministas burguesas. Dessa forma, representavam uma dificuldade dentro da corrente de luta, visto que essas mulheres precisavam lidar com outros impasses que não eram sentidos pelas de classe mais elevada, ou seja, com as “consequências da opressão sexista, racista e classista” (HOOKS, 2019b, p. 12). Portanto, é a partir dessa realidade que a violência dentro do lar se agrava, pois é a mulher marginalizada, que não é representada dentro do feminismo, que sofrerá silenciosamente com os maus tratos do homem dominador.

Entretanto, apesar do feminicídio não ter sido o foco de luta de muitas feministas oitocentistas, é possível observar, já no final do século XX, algumas mudanças otimistas em relação a esse cenário. As teóricas Alves e Pitanguy (1985) destacam que o ano de 1975 foi nomeado como o Ano Internacional da Mulher, no Rio de Janeiro. À vista disso, muitos serviços começaram a ser pensados em termos de benefícios às mulheres, como o *Centro da Mulher* e de conscientização, clínicas de saúde que oferecem atendimento ginecológico e obstétrico e, principalmente, os centros de socorro SOS-Violência, destinado à prestação de apoio à mulher violentada. Logo, a mulher que tinha medo e não possuía apoio da sociedade nos séculos anteriores, tem a possibilidade, cada vez maior, de se libertar das amarras da violência masculina graças à preocupação que as mulheres começaram a ter com o feminicídio. E, inevitavelmente, essa preocupação com o ato violento gera o sentimento de medo.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Desvendando a aparição do sentimento “medo”

Anteriormente, foi discutido a respeito da opressão feminina ligada à violência contra a mulher. A saber, essa ação está relacionada a um sentimento negativo que a vítima possui do seu agressor, afinal, muitas mulheres “aceitam a violência nos seus relacionamentos íntimos [...] pois não querem abdicar da proteção” (HOOKS, 2019b, p. 98) a qual elas imaginam ter do homem. Dessa forma, é possível compreender que esse tipo de relação é movida pelo medo que a mulher tem do homem, por isso, a seguir, torna-se necessário abordar as origens desse sentimento, bem como suas motivações, para promover o entendimento da aparição do medo na cultura da violência contra a mulher.

É um fato que o medo é um sentimento diretamente ligado ao ser humano, o qual externaliza o pavor que sente diante de uma situação ameaçadora que o desestabiliza, por exemplo, o encontro com um animal agressivo, a aparição de um pressentimento negativo, ou até mesmo a sensação de que a morte está próxima. Seja qual for o motivo do estímulo, os conceitos ligados ao medo sempre motivaram a busca por estudos que procuram desvendar os mistérios que circundam essa sensação inerente ao homem. Assim, um olhar sobre a História e as transformações dentro da sociedade é indispensável para compreender a respeito desse assunto.

Desde o início da Idade Média até a atualidade, o medo esteve presente nas civilizações. No começo, aflições relacionadas às pestes e doenças que contaminavam o Ocidente, bem como o estopim de guerras e batalhas entre povos inimigos, eram inevitavelmente sentidas pelas pessoas. Nesse contexto, os pensadores do movimento Iluminista acreditavam que, futuramente, “a proeza de domar os medos e refrear as ameaças que estes causavam fosse um assunto a ser decidido de uma vez por todas” (BAUMAN, 2008, p. 15). Entretanto, era uma ilusão pensar que, a partir das contribuições do Século das Luzes, o mundo se tornaria capaz de cessar as aflições que o arrasava.

Na verdade, o que veio a acontecer foi uma mudança ligada ao conceito de “medo”, afinal esse sentimento sempre esteve ligado à vergonha e a fraqueza da população inferiorizada, a qual não possuía a bravura dos mais fortes. A literatura, por exemplo, sempre alimentou essa ideia por meio de uma série de romances que “gabava incansavelmente a bravura dos cavaleiros e zombava da covardia dos plebeus” (DELUMEAU, 1989, p. 18). Porém, isso não impediu que o homem chegasse à Idade Moderna e começasse a temer outras aparições, como a morte, a violência, entre outros “perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo, [isto é], a posição na hierarquia social, [ou] a identidade (de classe, de gênero, étnica,

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

religiosa)” (BAUMAN, 2008, p. 10). Portanto, as diversas faces do perigo eram capazes de provocar o medo no homem moderno.

Inevitavelmente, as inseguranças nos tornaram mais “frágeis diante dos perigos e mais permeáveis ao medo do que nossos ancestrais” (DELUMEAU, 1989, p. 22), afinal os acontecimentos dos séculos XX e XXI nos mostraram que dificilmente os homens estão seguros em seus lares, nas ruas escuras ou, em geral, no planeta. Isso se deve, principalmente, devido ao fato do ser humano ter mais consciência dos perigos que rodeiam o espaço, em comparação aos animais, por exemplo. Aliás, o próprio homem se tornou uma ameaça para o outro, logo, é necessário estar atento às ameaças incentivadas por “atrocidades terroristas, crimes violentos, agressões sexuais, comida envenenada [...]” (BAUMAN, 2008, p. 11) que, na maioria dos casos, são adotadas por pessoas “mais fortes” em relação às “mais fracas”. À vista disso, é viável se remeter a homens que agredem mulheres, a fim de despertar nelas a insegurança e o medo.

Portanto, ao estar inserida em uma situação de perigo, certas reações são perceptíveis no interior e exterior de uma pessoa que está de frente com o medo. Sendo assim, de acordo com Jean Delumeau (1989), o organismo pode desencadear reações anormais, como respiração alterada, aceleração dos batimentos cardíacos, comportamento de imobilização ou, até, exteriorização violenta. Claramente, uma pessoa inserida em um ambiente rodeado por angústias, repressões e agressões, está passível a responder a partir de uma maneira diferente da qual está acostumada, afinal, como vimos, o corpo e a mente estão relacionados a esse processo de autodefesa. Por isso, o estudo do “medo” é inesgotável, principalmente a respeito de casos que são atuais à nossa realidade, por exemplo, o medo que a mulher sente do homem dominador. E, esse tipo de medo também está presente na literatura, principalmente na contemporaneidade, como no conto “Gesso”, de Jarid Arraes.

A violência no conto “Gesso”

O tema central do conto “Gesso” se concentra na história de Doralice, uma mulher que pratica sua religiosidade por meio da devoção que possui pela Virgem Maria, a Santa da Igreja Católica. Logo, ela participa frequentemente de celebrações e eventos religiosos, como as cerimônias de renovações que ocorrem em sua vizinhança, nas quais a comida, as rezas e as promessas feitas pelas pessoas estão presentes nesse momento de adoração.

Apesar da fé fazer parte da vida de Doralice, a protagonista apresenta um grande impasse em seu caminho: Sérgio. Esse, que possui algum vínculo amoroso com a moça, pratica a violência contra a mulher a partir de xingamentos verbais e execuções físicas, como

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

empurrões e puxões. Ainda, a vizinhança se demonstra alheia à situação de Doralice, visto que ninguém socorre a moça. Devido a isso, ela sentia que a situação iria se agravar em breve.

Assim, a garota sempre esteve a par do tratamento que o companheiro dava a ela, afinal não acreditava que pudesse ter o amor de outro homem a não ser o dele. Sua reação, entretanto, sempre se transpõe através do medo que sente por Sérgio e pela expectativa da agressão que se aproxima dela. Aliás, Doralice é avisada diversas vezes a respeito do seu futuro através da Santa que, em uma situação de perigo, cochicha em seu ouvido que ela iria morrer em breve.

A renovação, que é uma cerimônia religiosa comemorada pelos membros da sociedade na qual vive a protagonista, organizada por sua vizinha Socorro, em especial, foi a que Doralice presenciou sua mudança de vida, devido ao novo comportamento que estava prestes a adotar. A casa dela se tornou o lugar de fuga da protagonista, afinal Sérgio estava a procurando justamente no momento em que a celebração estava acontecendo. Sendo assim, realizou a tentativa de chama-la, no entanto, ao ver que ela não sairia tão facilmente, decidiu esperar do lado de fora da casa de Socorro. Doralice sabia que, ao colocar o pé para fora da residência, seu fim seria imediato.

Sem saber o que fazer, a moça decidiu que esperaria a Santa indicar seu caminho por meio dos sinais enviados, por isso, iniciou uma promessa. No fundo, sabemos que esse era um pretexto para não encontrar Sérgio tão cedo. Sendo assim, quando todos já tinham se retirado da renovação, Doralice resolve ficar e rezar para a Santa. Por outro lado, seu companheiro ficava cada vez mais enfurecido com a atitude da moça.

Os sinais enviados pela Santa, no entanto, sempre eram os mesmos, “Doralice, de hoje não passa” (ARRAES, 2019, p. 94). Assim, ao amanhecer, batidas na porta assustaram a todos, era Sérgio que, impaciente com a mulher, decidiu entrar na casa. Em seguida, avançou em sua direção, a agredindo, e ordenou que voltasse para a residência deles. Não havia escapatória para Doralice, a qual chorava desesperadamente. Ainda, Socorro tentou buscar ajuda pelas ruas da vizinhança, depois que o caos estava instaurado.

Porém, algo despertou no interior da protagonista no momento em que estava sendo agredida. Enquanto admirava a beleza da Santa, a qual peregrinava pelas casas do bairro, teve a ideia de usá-la como proteção. Desse modo, pediu perdão à Mãe de Jesus devido à ação que estava prestes a fazer e, usando ela, agrediu a cabeça de Sérgio. A narrativa, com isso, termina com a descrição da poça de sangue que se espalhava pelo chão da sala de Socorro.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Com esse ato de extrema violência, Doralice acaba por se livrar de seu agressor. O interessante dessa história é como a narradora mostra-se conformada com as agressões que sofre, como se ser agredida fosse algo natural para ela e para todas as mulheres daquela comunidade, uma vez que todos presenciam as cenas, mas nada fazem para acabar com tudo o que está acontecendo.

Eu sempre respondia, não ficava calada. Só chorava em casa. Mas aquilo foi me dando medo e mais medo, porque Sérgio foi piorando os xingamentos e depois começou a me apertar pelo braço e sair me puxando até me deixar em casa.

A rua inteira assistia, mas Sérgio se tornou corriqueiro. Tinha gente que já nem levantava a vista, só continuava varrendo a calçada, dando água pras plantas e trazendo os meninos da creche (ARRAES, 2019, p. 91)

É percebido, na citação acima, a omissão da comunidade em relação à violência sofrida por Doralice. Saffioti (1999, p. 88) salienta que “rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. [...] o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina”.

Nesse sentido, é curioso observar que, mesmo com essa imposição da sociedade, a protagonista tem consciência de que a posição dela dentro do relacionamento não está correta, porém, a aceita. Portanto, o trecho “Logo eu, do gênio forte, cair numa armadilha dessas, escolher um homem ruim desses. É a vida, né, mãe?” (ARRAES, 2019, p. 92) elucida a aceitação que a mulher tem da violência imposta pelo homem, já que o medo de se desvincular dessa situação é maior do que o medo do agressor.

Na verdade, entende-se essa atitude de Doralice como a reprodução de um ato da sociedade. Segundo Butler, “os corpos atribuídos de gênero atuam num espaço corporal culturalmente restrito e performam suas interpretações de acordo com as diretrizes existentes”. (BUTLER, 2018, p. 223). Isso porque o meio em que vive reproduz um local que normatiza como algo natural a violência contra a mulher.

Assim, a sociedade patriarcal e androcêntrica prevê o comportamento submisso e obediente da mulher, mesmo diante de um homem, seja pai, irmão ou marido, agressor. Esses casos, como o que acontece com a narradora do conto de Arraes, poderiam levar a um feminicídio. Saffioti (1999) assinala que o feminicídio dificilmente é um ato premeditado pelo agressor. A violência que tem como consequência a morte, muitas vezes, surge de um ato do agressor incontrolável, sem um planejamento. Quando isso tudo é planejado, entramos no terreno do homicídio. Claro que não se pode afirmar que alguns feminicídios são homicídios,

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

uma vez que não foram meticulosamente planejados. Contudo, a narrativa mostra outro desfecho: a vítima, no caso Doralice, consegue forças para se desvencilhar da agressão e matar seu opressor com a imagem da santa, que era feita de gesso.

Esse ato de bravura da protagonista demonstra um exemplo de exteriorização violenta contra a agressão recebida, visto que, ao longo da narrativa, a protagonista vivencia diversas situações de medo que a levam a reagir dessa forma. Além disso, ao lermos as passagens como “Acho que foi a Santa que cochichou no meu ouvido, mas ali eu só pensei que ia morrer” (ARRAES, 2019, p. 91) e “O medo me manteve acordada [...]. O café ajudou demais, mas foi aí que as minhas pernas tremeram dobrado” (ARRAES, 2019, p. 94), compreende-se a relação entre a violência contra a mulher e a aparição do medo, visto que só de imaginar que Sérgio poderia fazer algo com Doralice, a mulher já externalizava comportamentos anormais, como pensamentos pessimistas e tremores no corpo.

É importante frisar que esse conto integra a segunda parte do livro, intitulada “Espada no coração”. E, é justamente isso o que ocorre com Doralice, a pessoa por quem ela nutre amor, Sérgio, sempre a fere. Assim, a moça não tem saída a não ser acabar com o amor que a agride sempre: por isso ela mata o namorado. E temos a espada no coração: ferido e magoado.

Essa atitude de Doralice marca a reviravolta da narrativa, uma vez que ela não se mantém mais submissa e passiva na relação. Interessante também ressaltar a atitude da dona da casa, Socorro, que foi para a rua pedir por ajuda. É na casa de Socorro que Doralice muda sua atitude em relação às agressões que recebia, como se o nome da personagem Socorro emanasse a atitude que a moça precisava: socorro para sair daquela situação de opressão e vencer o medo do companheiro agressor.

Considerações finais

Dessa forma, é possível perceber como a narrativa de Arraes assinala um problema social muito recorrente em nossa sociedade: a violência contra a mulher e as relações de poder estabelecidas pela sociedade patriarcal. Para Bourdieu (2010, p. 46), “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais.”

No conto em questão, Doralice é agredida pelo namorado Sérgio e todos entendem esse ato como normal, conforme foi apontado anteriormente. Os vizinhos presenciaram as agressões e não expressavam reação alguma. A própria Doralice julga-se conformada: “E

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

também eu não achava que tinha muita escolha. Se eu fazendo todas as suas vontades, Sérgio já me usava de boneca de trapo, do que seria capaz se eu lhe desse um pé na bunda?” (ARRAES, 2019, p. 91).

O ato de conformar-se com a situação é transitório, uma vez que ao final da narrativa a personagem liberta-se da violência que vinha sofrendo. Arraes traz para discussão em sua narrativa problemas sociais há muito tempo enfrentados pelas mulheres não somente no Brasil: a violência. Mulheres que são silenciadas e apagadas dentro de uma sociedade androcêntrica, mas que ganham voz com a narrativa de Arraes. Por isso, a importância dos escritos da autora na contemporaneidade.

Referências

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ARRAES, Jarid. Gesso. *In*: ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2019. p. 90-95.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.
- BORDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- BRASIL registra 722 feminicídios no 1º semestre de 2023. **CartaCapital**, 2023. Disponível em: cartacapital.com.br/sociedade/brasil-registra-722-feminicidios-no-1o-semester-de-2023/. Acesso em: 07. fev. 2024.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2017.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e a teoria feminista**. Tradução Jamille Pinheiro Dias, 2018.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Tradução de Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luis Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. São Paulo, Editora Unesp, 2022.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019a.
- HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019b.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

RIBEIRO, Geysa Fernandes. **“Em briga de marido e mulher não se mete a colher?”: um estudo sobre violência de gênero em jornais do Maranhão (2015-2017)**. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *In*: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: Fundação Seade, v. 13, n. 4, oct./dec. 1999, p. 82-91. Disponível em: scielo.br/j/spp/a/qKKQXTJ3kQm3D5QMTY5PQqw/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12. jul. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-80.

Recebido em: 15/7/2023

Aceito em: 28/1/2024

Publicado em: 30/3/2024

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

**VIOLENT LOVE: AN ANALYSIS OF THE SHORT
STORY “GESSO”, BY JARID ARRAES**

Gisele Troian Guerra

Universidade de Caxias do Sul

gtguerra@ucs.br

Cristina Löff Knapp

Universidade de Caxias do Sul

clknapp@ucs.br

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the narrative “Gesso”, by the writer Jarid Arraes, which takes part in the short stories anthology *Redemoinho em dia quente* (2019) under the feminist critic perspective. Our intention is to bring out the writings of black contemporary authorship, as well as discuss the construction of the main character, Doralice, and the violence suffered by the woman submissive to the male aggressor subject. Our research is based on bibliographical references, supported by Gender Studies, in order to discuss how the violence against the feminine subject is part of patriarchal society.

Keywords: Violence; Woman; Feminist critic; Jarid Arraes.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

AMOR VIOLENTO: UN ANÁLISIS DEL CUENTO “GESSO”, DE JARID ARRAES

Gisele Troian Guerra

Universidade de Caxias do Sul

gtguerra@ucs.br

Cristina Löff Knapp

Universidade de Caxias do Sul

clknapp@ucs.br

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar la narrativa “Gesso”, de la autora Jarid Arraes, que forma parte del conjunto de cuentos *Redemoinho em dia quente* (2019) desde una perspectiva crítica feminista. Nuestra intención es valorar los escritos de autoría negra contemporánea, así como discutir la construcción del personaje principal, Doralice, y la violencia sufrida por la mujer sumisa al sujeto masculino agresor. Nuestra pesquisa es de carácter bibliográfico y se basa en los estudios de género para discutir cómo la violencia contra el sujeto femenino forma parte de la sociedad patriarcal.

Palabras-clave: Violencia; Mujer; Crítica feminista; Jarid Arraes.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------